

## MEU CONVÍVIO COM HONESTINO GUIMARÃES

### Um relato de Elia Meneses Rola

Eu, Elia Meneses Rola, brasileira, separada judicialmente, Servidora Pública Federal aposentada, CPF, CI, domiciliada e residente nessa cidade do Rio de Janeiro, à Rua Siqueira Campos, 33 – Aptº 1004, bairro de Copacabana, venho prestar o depoimento que se segue à CNV – Comissão Nacional da Verdade, na esperança que sejam elucidados fatos importantes da História do Brasil recente, relacionados ao desaparecimento de militantes políticos e aqui nomeadamente ao desaparecimento de **Honestino Guimarães**. Nos dias de hoje estamos vivendo um momento importante para nossa História que é o resgate da memória de uma geração de brasileiros que lutaram contra a Ditadura Civil Militar, geração da qual eu e muitos de meus contemporâneos fizemos parte. Resgate político que é a memória de nosso povo. Nós que sobrevivemos àqueles momentos negros da História do Brasil, ao lado da família de mortos e desaparecidos políticos clamamos por esse resgate e por justiça.

Nasci em Fortaleza, Ceará, e como em todo o país, em Fortaleza, em 1968, havia um movimento muito intenso: muitas perseguições e prisões. Eu estudava Geografia na UFCE, e como era de Ação Popular (AP), também fui atingida pelas perseguições da ditadura. Com a situação tornando-se insustentável e para escapar da ação dos órgãos de repressão política, que frequentemente mantinha sob vigilância a casa onde morava com meus familiares, fui forçada a sair da cidade. Em 4 de janeiro de 1969, cheguei ao Rio de Janeiro, onde passei a morar. Após algumas estadias temporárias, fui para a casa de uma parenta (Maria Magalhães Monteiro), que estava foragida e com o filho (Paulo Cesar Monteiro Bezerra) preso no DOPS. Assumi a casa e passei a visitar Paulo semanalmente. Nessas visitas, fiz amigos e companheiros militantes.

Por conta disso, passei a morar com outras pessoas da universidade, dividindo o aluguel de um casarão no Flamengo, onde logo **Gildo (Gildo Macedo Lacerda)** passou a morar também. **Gildo**, que foi uma pessoa muito importante na minha vida, era militante de AP e foi através dele que conheci **Honestino (Honestino Guimarães)**.

Entre os amigos, **Gildo** era conhecido como **Paulo**, e nenhum deles sabia do seu envolvimento político. Nossa vida transcorria normalmente. Enquanto ele se desdobrava com seus compromissos políticos, eu tinha que me manter trabalhando e estudando. Procurava manter uma vida legal para permanecer ajudando na luta, oferecendo moradia segura para outros companheiros também perseguidos.

Não demorou muito e problemas de outra natureza nos obrigaram a procurar outro apartamento. Foi quando fomos, *Martha, Gildo e eu*, para o **102** – como ficou conhecida nossa nova moradia, por todos que a freqüentavam. Era um velho apartamento de quarto e sala em Botafogo, na **Rua Voluntários da Pátria, 475, que, por um bom tempo, foi um recanto seguro e acolhedor para muita gente.**

**Gildo** continuou sempre conosco, o **102** era o seu porto seguro. Mas quando ele viajava, outras pessoas desfrutavam desse acolhimento. Foi o caso de Ramires Maranhão do Vale. No início de 1971, enquanto **Gildo** fazia uma viagem mais demorada, Ramires que chegava do nordeste, permaneceu um pouco no 102 até conseguir nova residência.

**Em 1972, Gildo** foi deslocado pela organização (AP) para Salvador. Antes de viajar, fim de março ou início de abril, ele trouxe um amigo que estava chegando ao Rio. Era uma pessoa de sua extrema confiança, e queria que ele ficasse na minha casa, pois tinha se sentido muito seguro todo esse tempo que ele havia ficado no **102**. No mesmo dia em que viajou, o amigo chegou.

Conheci o meu novo hóspede pelo nome de **Hermano**. Ele dizia que escolheu o nome Hermano porque era irmão e queria ser irmão de todos. Era uma pessoa muito doce e muito querida. Falava muito manso, mas de forma muito segura. Logo que se instalou, me falou da vinda de sua mulher, a quem ele chamava **de Rosa**, embora seu nome fosse outro. Ele me explicou que a chamava assim em homenagem a **outra Rosa, sua mãe**, a pessoa que mais amava. Rosa, sua mulher, também era uma pessoa muito meiga e carinhosa. Muito jovem, bonita e de uma simplicidade cativante.

**Hermano** foi de fato um irmão, um amigo. Apesar de todas as dificuldades de sobrevivência financeira e política, conseguíamos viver num clima de muito amor, solidariedade e muita alegria. Ele se preocupava com a saúde do corpo e da cabeça. Gostava de preparar as refeições nos fins de semana com muitas saladas e não era amante de carne.

No seu preparo físico e mental eram incluídas diariamente a *yoga*, a *ginástica* e *corridas* na praia ao nascer do dia. À noite, dormia apenas 04 horas e sempre falava que tudo isso era a preparação para enfrentar a repressão quando *caísse*. Dos jornais diários o mais importante era o caderno de economia, coisa que estudava sempre. Pela manhã, após os exercícios sempre tomava um comprimido que dizia ser para melhorar a memória.

Nos fins de semana, eram sagrados os passeios com **Juliana**, filha de seu casamento com Isaura. Seu **“Raiozinho de luz”**, como a chamava. Toda semana ele pegava Juliana com Isaura, que já era casada com Agostinho, seu outro pai, como ele mesmo gostava de dizer. Foi assim que os conheci, em uma das vezes que acompanhava Hermano, quando Rosa estava viajando. Normalmente, íamos passear em parques, na praia ou

mesmo na casa de amigos, onde Hermano relaxava da vida tensa que tinha e falava de coisas do cotidiano como música, futebol, carros e até ajudava nosso amigo a lavar o carro dele. Em se tratando de futebol era **um grande conhecedor e torcedor fanático do Vasco**. Uma vez fui intimada a ir ao Maracanã com ele ver Vasco x Flamengo. Levou uma almofadinha com o escudo do Vasco para sentar na arquibancada. Depois disso virei vascaína.

Ainda em 1972, **Maria Rosa, sua mãe, veio vê-lo no 102** e também conhecer a outra Rosa, sua mulher. Apesar de não conhecê-la, Maria Rosa já era uma pessoa muito querida, pois cada carta dela era compartilhada com todos, tamanha a alegria que ele sentia e dizia sempre: carta da minha amada amante. Almoçamos todos no 102 e depois foram **Hermano e as duas Rosas** ao encontro de **Juliana**. Maria Rosa dormiu em nossa casa, passando o outro dia todo com seu filho querido.

No final de 1972, com o aumento de pessoas que conheciam o 102 e como Hermano precisava viajar, achamos que chegara a hora de entregar o apartamento. Hermano viajou e, por ocasião da festa de passagem do ano, resolvi viajar para Salvador, onde encontraria **Gildo**. Foi com surpresa que encontrei também em Salvador, **Hermano e Rosa**. Voltamos então, os três, de ônibus, chegando ao Rio na noite de 3 de janeiro de 1973. Como havia entregue o 102, fomos para a casa de um casal amigo, que estava viajando, e eu tinha as chaves, pois estava hospedada lá até encontrar outro apartamento. No dia seguinte, 4 de janeiro, Hermano e Rosa saíram mais cedo em busca de um local para ficarem. Como eu trabalhava à noite no IBGE, marcamos um encontro mais tarde para que pegassem a chave do apartamento para buscar suas malas.

Antes de ir para o trabalho, resolvi visitar Sonia Itô (Zoca), uma amiga de São Paulo, pois a mesma encontrava-se enferma. Fui surpreendida com sua casa invadida pela polícia. Fui levada presa, encapuzada, jogada em um carro que se encontrava estacionado à frente do prédio, e encaminhada para o DOI-CODI do Rio, onde Zoca e o marido já estavam. Ainda algemados e encapuzados, à noite viajamos em um camburão para São Paulo, sendo levados para OBAN, onde fiquei presa durante o mês de janeiro/73. Após esse período de interrogatórios, vendo que eu não detinha nenhum conhecimento que me relacionava aos militantes que atuavam em São Paulo, recebi uma passagem de ônibus, da Viação Cometa, com destino ao Rio de Janeiro, sem nenhuma explicação para o ocorrido.

Passei muito tempo sem encontrar Hermano, mas tinha notícia de que ele havia apanhado suas malas do apartamento dos amigos e depois, que havia alugado um apartamento e estava morando com Rosa.

**Em outubro de 1973**, chegando na casa de amigos, vi a tristeza pairando no semblante de todos, e ao me informarem do desaparecimento de **Honestino**, perguntei quem era e só então, para minha profunda tristeza, tomei conhecimento de que **Honestino Guimarães era o próprio Hermano, nosso amigo, nosso irmão.**

No ano de 1973, a ditadura golpeou de forma violenta as organizações políticas, prendendo, matando ou dando como desaparecidos dezenas de companheiros, entre eles **Honestino Guimarães, dado como desaparecido, e Gildo Macedo Lacerda, com quem convivi um longo período, grande amigo e ex-companheiro, que foi morto.**